

REVISTA

BARTOLOMEU[®]

CONTOS ERÓTICOS

VOLUME 1 | N.º 6

JANEIRO DE 2021

Proibido para menores de 18 anos



Cilada 2º parte,
A Vizinha &
O Irmão

ISSN 2675-6226

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

Sobre o Bartô



O amor tem em si camadas que são descobertas dia após dia, ou minuto a minuto dependendo da intensidade; alguns são tão rápidos e intensos que uma transa de horas vale mais que anos juntos. O amor é um amontoado de camadas, de cortinas fechadas abertas uma a uma. Por isso alguns amores viram um pesadelo, a medida que se descobre cada camada é aberto um buraco negro, em outros você descobre uma pessoa ainda mais incrível. Alguns são platônicos, quem nunca se apaixonou sem conseguir abrir sequer a primeira camada, fingindo não ser nada, se você não, eu já!

"A Bartolomeu é uma revista mensal de conteúdo adulto, para quem busca uma leitura mais picante! Espero que possamos curtir juntos esta 6ª edição!!"

Algumas paixões são apenas pele, nesse caso a descoberta é na cama, ficam a cada encontro melhor!

Assim é Bartô, a princípio você pode até estranhar, um cão escritor, com o nome Bartolomeu e chamado de Bartô contando histórias de amor, mas se em tudo que move o mundo existe paixão, o que há de estranho num cão que escreve contos de paixão e erotismo!? Nada, não é mesmo!?

Um cão escritor,
Conhecido como Bartô!
Um cão cheio de histórias
escritas em contos de amor.
De noite ele bate patas
e sempre acaba num cobertor
misturando safadeza e amor;
Depois escreve contando um conto!
Ah Bartô...
cachorro metido a escritor!

Um abraço canino!
Bartô
O cão escritor





MINHA CURIOSIDADE

de ver sua boca,

COBERTA POR UM VÉU,

era ainda mais perturbadora

DO QUE A DE VÊ-LA NUA,

o beijo

É UM ATO SEXUAL

perfeito

“Que tal trocar de consciência e mergulhar na história de Pedro, o marido de Sara de Cilada no Guarujá, numa troca maluca de perspectiva. Vamos acompanhar também o segundo conto de A Vizinha que esquenta ainda mais quando ela se torna amiga da família. Leia também nesta edição, O Irmão.”

Espero que se divirta!

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



A Vizinha, 2

Já saíamos há três semanas. A vizinha tinha um apetite de um mendigo. Pontual. Todos os dias após o serviço eu saía em disparada para o apartamento dois andares acima do meu para uma radical tarde de amor. Lícia era uma desgraçada na cama, virava assim, e assim, e assim, na boca assim, de costas, de pé na cozinha, no banheiro. Até anel peniano usamos; ela gemia como uma locomotiva na hora de chegar. Eu estava apaixonado, doido, doente num vício chamado Lícia.

Quando não estávamos juntos eu a imaginava de todos aqueles jeitos. Não sei como não houve rumores sobre a visita misteriosa que às 18h30 pontualmente batia à sua porta e saía pelas escadas depois das 20h, para chegar em casa como simples trabalhador, beijando cinicamente, sua Augustinha.

O mais audacioso foi uma vez, num desses sábados ensolarados de condomínio, descí com

Augustinha para a piscina e topamos com Lícia, se bronzeando numa esteira bem a beira do único lugar que encontramos para ficar. Confesso que fiquei numa angústia de tirar o chão. Minha mulher e Lícia, a insaciável vizinha, sentaram tão próximas que seria impossível que não se entrosassem. Mas antes disso, Lícia não deixou de fazer provocações dentro da piscina. Que diaba.

Mergulhei como de costume, indo de um lado para o outro, por cima de braçada, por baixo de peixinho. Uma hora, vi por baixo d'água,



encostada na beira com o corpo todinho dentro da água, Lícia. Cheguei perto, mas como se não a conhecesse, para recuperar meu fôlego e sentir Lícia perto, demorei uns minutos por ali. Ela me excitava só de olhar, fiquei então duro como pedra. Para me provocar, naquela minha rápida paradinha, ela trouxe a mão e pegou o dito petrificado; brincou um pouco com ele dentro do calção e tirou a mão para que não fôssemos percebidos. Com uma pontinha de medo, mas gostando da situação, olhei para Augustinha do outro lado e acenei com um beijinho. Ela sem se dar conta correspondeu com um tchauzinho e um sorriso. Voltei a atravessar a piscina, mas dessa vez com um tesão de arrebentar o calção.

Quando saí da água, vi Augustinha e Lícia conversando como se fossem grandes amigas, íntimas, aos risos. Fiquei atônito. O que elas falavam, Santo Deus!? Saí rápido da água e fui ao encontro delas. Ao me aproximar, Augustinha sorriu: - Venha conhecer Lícia!! Venha!! - disse entusiasmada como se acabasse de encontrar a uma alma gêmea perdida. Fingi desinteresse. Claro. Não contei no relógio, mas contei na cabeça umas duas, três horas daquele teatro de Lícia com Augustinha. Até cheguei a pensar em alguma sinceridade naquela situação.

Certa hora, fui ao banheiro, da piscina mesmo, numa escadinha para baixo ali pertinho. Quando saí, dei de cara com Lícia. Não sei como, mas num impulso doido, paramos aos beijos dentro de um banheiro de deficientes.

No mesmo impulso que nos levou para ali, Lícia desceu baixando meu calção, abocanhando aquilo que estava erguido entre minhas pernas, duro, inteirinho para dentro da sua boca macia.

O massageou com os lábios, passava a língua como se chupasse a um sorvete. Me olhava enquanto repetia aquele movimento perverso e delicioso.



Eu segurava seu cabelo ainda molhado da piscina e ela chupava. Chupava de olhos fixados aos meus que se reviravam. Chupava com os olhos fechados como se degustasse um alimento saboroso. Lambia por baixo,, depois subia a língua e voltava a projetá-lo todinho para dentro da boca. Chupava quase me deixando a ponto de gozar. Levantou-se subitamente e pôs-se de pé me beijando.



Desci com a boca, pelos seus seios redondos e firmes, e a mesma altura, corribe beijando aquela pequenina flor aberta que escorria pecado entre suas pernas. Frágil, delicada, seguia o ritmo agitado da minha língua e dos meus lábios que confundiam saliva com o licor que descia de dentro dela. Apertava seu clitóris com a boca, lambia, penetrava a língua e sentia no paladar o doce mel de Lícia. Me levantei corpo a corpo.

Entre beijos afoitos.

- Você tá doida!? Quer ser amiguinha da minha mulher!? Onde acha que isso vai dar!??

Lícia ria, lambia meus lábios. Me beijava. A virei de costas. Baixei seu fino biquíni de laços no quadril. Ela se debruçou ali na pia mesmo. Meti. Me lembro da pressão forte com que entrei. Minha excitação dobrada ou triplicada de tamanho e de grossura penetrava com golpes na sua carne.



Ela com as pernas entreabertas, nuas, gemia baixinho. Segurava seu quadril e metia cada vez mais forte e voraz numa selvageria tremenda. Ela me olhava pelo espelho, aguava os lábios com a língua. Assim, forte. Seus seios balançavam, sensualmente. Me lembro da cor do bico dos seus seios. Róseos em tom moreno. Tórridos. Volume firme, pontudos e circulares. Seus cabelos cacheados, castanhos, me excitavam. Eu entrava e saía, rápido, forte. Sentia um pedaço vivo e pujante de mim deslizando dentro do corpo quente de Lícia, preciso como uma bazuca apontada para o ventre pronto para disparar, em fogo. Seu bumbum, abria-se como um coração macio com uma lança viva enterrada no meio. Escorria ainda pelo seu corpo água da piscina misturada com seu suor, como bica de água doce, que eu apanhava com a língua.

Desci com a boca pelos seus ombros, costas, dorso, e pelo seu bumbum. A chupava por trás, com apetite voraz de mil mendigos, tateando com a ponta da língua seu clitóris que saltava para dentro da minha boca, sufocado, modelado entre os meus lábios. Sentia sua excitação trêmula destilando pela minha saliva. Com cuidado segui assim, até senti-la fraquejar e gozar na minha boca. Segurei seu quadril, ainda trêmulo, quase se dobrando, e meti. Meti como possuído por um animal, até que vencido gozei com violência, enquanto Lícia suspirava e gemia baixinho e com os olhos fixos nos meus, pelo espelho.

"Coloca tudinho dentro de mim "

Nos beijamos. Saciados nos olhos.

Ela subiu seu biquíni, cobrindo sua nudez. Subi meu calção, cobrindo a minha.



-Vou primeiro. - disse para ela. - Espera um pouco e vai depois. Vou dizer que tive um mal-estar. Você diz que estava no seu apartamento, teve que subir. Invente qualquer coisa.

Apertei meus passos e subi para a piscina, com os olhos diretos e aflitos na esteira em que estávamos, eu e Augustinha. Não a vi. "Onde ela estava!?"..."Teria percebido algo!?"..."Foi até os banheiros e escutou alguma coisa!?"..."Isso está saindo do controle!"...Meus pensamentos variavam pelas piores hipóteses.

Montava mentalmente um quebra cabeça de desculpas e a mais cínica feição de persuasão para que minha própria cara não me denunciasse na mais idiota vacilada. Parei por alguns minutos na esteira. Nossas coisas ainda estavam lá. Procurei mais um pouco.

Da água, uma voz feminina me chamava.

- Onde você estava!?

- Me senti mal. Fui correndo para o banheiro aqui embaixo. Achei até que você tinha subido, mas vi nossas coisas na esteira. Foi dar um mergulho? - devolvi logo uma pergunta para desviar meu sumiço.

- Nada!! Só entrei na beirada pra me refrescar um pouco. Muito calor! Você está melhor? Chamei Lícia para almoçar em casa. Você se incomoda? Ia falar com você antes, mas você desapareceu!

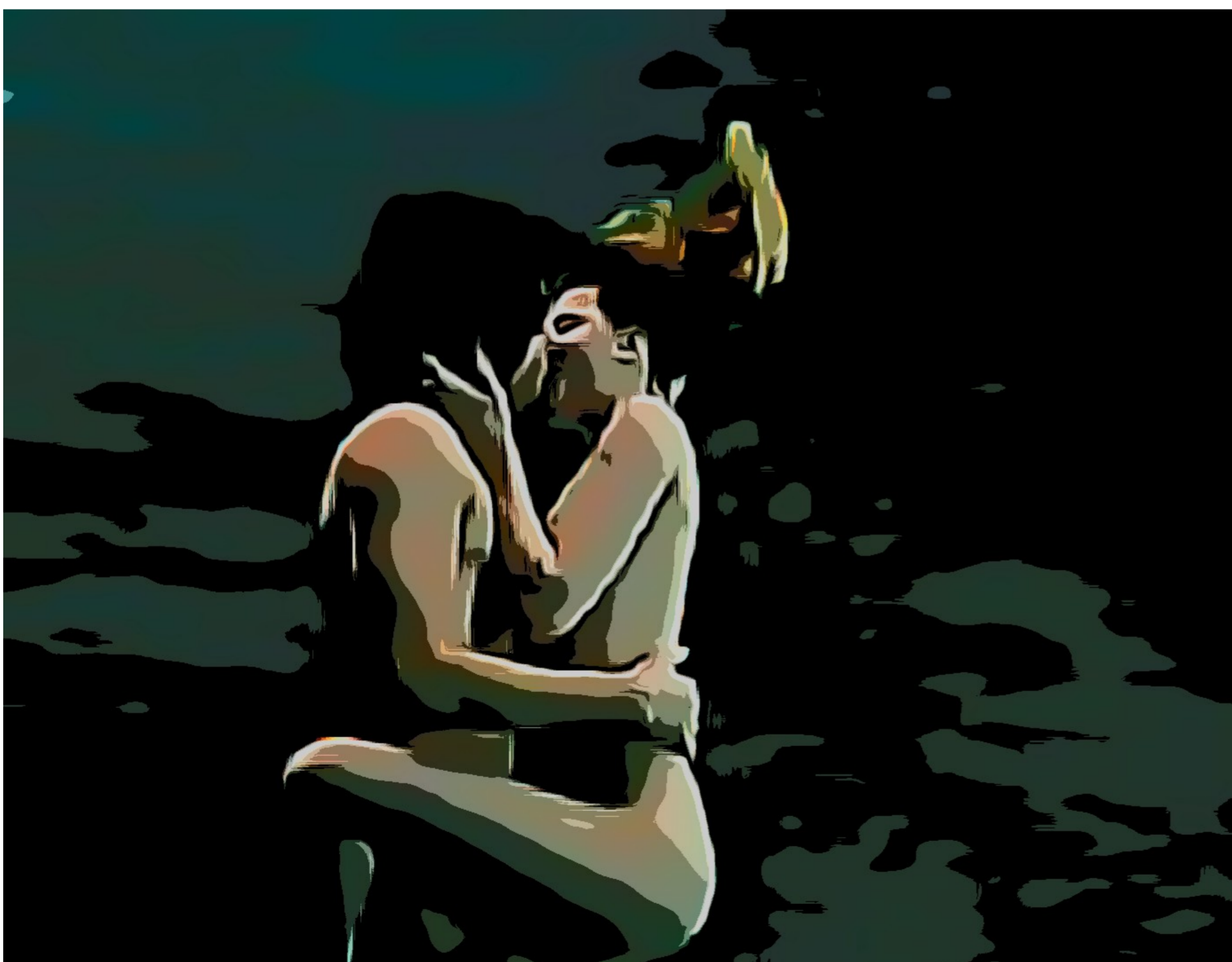
- Almoçar com Lícia!? Você nem a conhece. - exclamei surpreso.

- Qual o problema amor. Deixa de ser chato. Ela acabou de se separar. Anda muito solitária. Não vejo problemas. E outra. Gostei dela.

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

Naquela tarde almoçamos no nosso apartamento. Lícia, muito articulada, cativava Augustinha com sua simpatia natural, ao mesmo tempo que se fazia solitária e carente por uma nova amizade no condomínio.

Estávamos agora, mais próximos. Lícia penetrava dentro da minha casa, num triângulo de amizade e paixão, escrevendo um novo capítulo para essa história.



O "Irmão"

À beira da piscina, sua belíssima mulher, aparentando não mais de trinta, passava protetor solar no jovem musculoso e inflado de si. Ela massageava cuidadosamente cada pedaço do corpo sarado do namorado, como se tivesse por natureza habilidades de uma artesã. Ao lado, numa mesa, outro rapaz, não tão musculoso, admirava a beleza da jovem e bela artesã, de biquíni branco e pequeno, exibindo um corpo feito à mão.

O jovem musculoso, percebeu que o rapaz olhava sua mulher, mas quando tentava flagrá-lo, o ousado rapaz desviava o olho para outro canto.



Aquilo incomodou o sarado, mas sem flagrar o "voyeur", não podia adverti-lo nem com os olhos. Como numa espécie de exibicionismo, o jovem musculoso abriu no alto, de repente, um livro volumoso com uma capa brilhosa escrita: "O livro do Maçom". O mostrava para a namorada como um troféu. Era de se presumir que o jovem musculoso fosse um maçom, um neófito recém iniciado tamanho era o seu orgulho pueril.

O rapaz, "voyeur" discreto da namorada, que espreitava tudo com detalhes, aproximou-se e cumprimentou o jovem musculoso com a seguinte pergunta:

- Sois!?

O jovem musculoso arregalou os olhos numa admiração quase imbecil. Ficou surpreso e mais cheio de si como se apenas ele e o voyer - agora Irmão - pudessem compreender aquela linguagem secreta; Respondeu em voz de teatro clássico uma resposta cheia de símbolos e metáforas conforme ritual para a identificação dos irmãos.

O voyer que o cumprimentou, antes atrevido por espreitar a linda garota do neófito, iniciou então um longo bate papo sobre o assunto. Passagens sobre o ritual, histórias da irmandade e tudo que fosse sobre a confraria. A linda garota, observava-os curiosa e orgulhosa do namorado. Certo momento o voyer, forasteiro da mesa, também pertencente a confraria, levantou o copo a um brinde com o lema maior da ordem:

"Liberdade, Igualdade e fraternidade!!"

E assim prosseguiram na longa conversa, pela tarde a beira da piscina, num resort. Ocorre, que, em dado momento da conversa, os olhos do forasteiro e da linda namorada do neófito musculoso, se cruzaram de maneira diferente. Uma chama se acendeu nesta troca de olhares e sem que o neófito, entusiasmado com o novo amigo, percebesse, um clima rolava ali, bem debaixo do seu nariz.

Já no cair da tarde, com o álcool até a cabeça, o neófito musculoso se dava por vencido para uma cochilada enquanto sua linda garota e seu novo amigo riam e engatavam um assunto no outro, sem parecer perder para a embriaguez. Então, num voto de confiança quase cego, o neófito pediu ao amigo:

- Irmão, eu preciso descansar um pouco, mas não quero ser estraga prazeres. Você pode ficar conversando com a cunhadinha (trato dado às esposas ou namoradas entre irmãos maçons) que vou dormir um pouco.

Despediu-se então da linda garota com um beijo inesquecível, de selinho.

Agora sozinhos, o voyer disse para a garota:

- Vocês formam um casal lindo.

E numa amizade de décadas, que somente os bêbados conhecem, a garota, confessou:

- É, mas...deixa pra lá!

- O que? pode falar. O que se fala na mesa do bar, fica na mesa do bar. Rs



- A gente atravessou uma crise brava. viemos aqui para tentar salvar o namoro. Entende?

- Poxa. Não percebi nada disso. Mas isso é comum. Todo casal passa por altos e baixos. - Respondeu o voyer com precisão e um sorriso amigo no rosto.

Naquela tarde, depois dessa troca de confissões, unilateral na verdade, foram mergulhar. Eles riam, mergulhavam, se olhavam interessados e numa coisa que somente os casais

que se apaixonam podem entender, rolava uma vibração, uma energia estimulante, na voz e na troca de olhares.

Ficaram até tarde naquela paquera muito subliminar ainda. Quase imperceptível para quem estivesse por perto, na verdade até para eles, ou para "ela".

Dias foram se passando e, religiosamente, os três se encontravam para almoçar, para beber, conversar, e curtir aquelas férias numa amizade invejável. Quase como uma família.

Um dia, nas cochiladinhas rotineiras do neófito sarado, rolou algo interessante, entre o voyer e a garota. Aconteceu o seguinte. O elevador passava por uma manutenção. Na hora de subirem para seus apartamentos, tiveram que subir pelas escadas. Era fora de temporada, antes que você pense que o local estava movimentado.

Estava tranquilo naquela tardezinha. Os dois estavam com roupas de banho. Ela com uma saidinha e biquíni por baixo, ele de shorts e camiseta.



Estavam tão sozinhos naquelas escadas, e tão atraídos um pelo outro, que, em certo momento, ela que estava um degrau à frente dele, sentiu uma mão segurar sua cintura. Ela, se fez de difícil por talvez cinco segundos, mas quando viram, estavam aos beijos numa tentação irresistível de dias guardada. Ele, muito excitado, sentia o corpo dela pegando fogo bem coladinho no dele. As mãos, antes contidas como cães famintos atrás de grades, se soltavam em meio a carícias cada vez mais atrevidas. Ela, sentindo uma mão descendo pela barriga e entrando pelo biquíni, segurou com força o pênis dele por dentro do short. Os dedos dele, já sentindo o calor úmido e vulcânico escondido entre as pernas da amante, penetravam e tateavam lentamente sobre o clitóris, que desabrochava encharcando os dedos do homem.



As mãos dos dois se tocavam, percorriam por seus corpos como lobos caçadores e vorazes. Ainda de roupas, sentiam um o sexo do outro. Ela o puxava com as pernas num gancho contra o próprio corpo, deixando-o como se sentisse penetrar nela. Seus sexos divididos apenas por um fino biquíni e um shorts de piscina, quase gozavam sentindo mais desejo um do outro que o próprio desejo é capaz de sentir; quase gozavam naqueles beijos sufocantes. Até que não resistiram. O pênis dele, teso e petrificado, rompeu pelo calção erguendo-se em direção as coxas nuas dela, que excitadíssima, colocou o biquíni de lado e o sentiu entrar.

Agarrados ali mesmo, naquelas escadas, de pé, os dois sentiram seus corpos pela primeira vez. Ela rebolava em cima dele que a segurava com as duas pernas abraçadas em seu corpo contra a parede, sentindo-o entrar e sair, quente, duro. Ele, com um tesão adolescente, beijava e chupava pescoço e seios da mulher. Fodiam num entusiasmo de primeira vez, num sentimento de perigo ainda mais excitante. Gozaram nas escadas mesmo, enquanto o corpo dela pulsava sobre o dele, enquanto o dele sacudia e vibrava dentro dela. Enquanto se beijavam num beijo absurdo.

Naquela tarde, diferente das outras tardes, e de todas as outras tardes, um sentimento



encorajador os levou para o quarto dele, onde continuaram por horas. Onde gozaram insaciáveis e extasiados, por horas.

Tardes de amor assim continuaram, naquele resort de verão, até que um dia, não muito depois, o sarado neófito despertou de um dos seus sonhos da tarde. Quando já noite, viu que sua garota não subia. Presumiu que ainda estivessem no bar da piscina conversando, ela, e seu Irmão. Seguiu para o local onde os havia deixado. Ninguém estava lá. Quando voltou para seu quarto, intrigado com o sumiço, observou apenas seu livro de invejável volume e capa brilhosa sobre a mesa.

Na meia luz do quarto, já tarde da noite, se perguntando onde poderia estar sua linda namorada, abriu o seu livro de profunda sabedoria buscando uma palavra de conforto, quando achou um guardanapo na primeira capa, dizendo:



"Uma paixão arrebatadora aconteceu entre nós dois. Não sei como te explicar. Desculpe irmão. PS: Nunca pertenci à sua confraria."

Nunca mais foram vistos, o voyer, e a garota.

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



Cilada no Guarujá

CAP. 1 - 2º PARTE

Pedro e Julia

Na primeira parte dessa história em cinco capítulos ironicamente chamada de Cilada no Guarujá, vimos a narrativa tórrida de Bartolomeu, seu anfitrião desse folhetim envolvido com Sara, esposa do seu amigo Pedro desde um encontro caloroso e cheio de desejo no Guarujá. Um cruzado polígono amoroso tecido por encontros picantes.

Agora, conheceremos a história de Pedro, desde o dia em que ele e sua esposa Sara cruzaram com



TROCA DE CONSCIÊNCIA. HISTÓRIA DE PEDRO E JULIA.
LEIA "CILADA NO GUARUJÁ"
PARTE 1 - 1º À 5º EDIÇÃO BARTOLOMEU

Bartolomeu no primeiro encontro no Guarujá, narrada pelo próprio marido traído, que dentro de um casamento fracassado, embarca num envolvimento não menos picante com a namorada de Bartolomeu, a linda Julia. Viveremos o outro lado, desde o momento em que Pedro sente-se atraído por Julia ao mesmo tempo que percebe uma troca de olhares cheia de más intenções entre Sara e Bartolomeu, seu amigo. Que confusão essa história.

Pedro: Havíamos terminado nosso sexo semestral, sem sabor, mecânico e rápido. Durante este longo período de espera por uma pequena faísca de inspiração para que nós nos deitássemos novamente e cumpríssemos com nosso dever de homem e mulher, eu me satisfazia por conta própria ou com prostitutas caras já que minhas escolhas profissionais haviam me transformado num homem rico. Está certo que parte da minha fortuna havia sido produzida com acordos nada ortodoxos e milionários, mas essa parte deixaremos de lado.

Estávamos, ao mesmo tempo que gozando da felicidade material que o dinheiro pode trazer, vivendo um casamento de aparências, vazio e sem brilho. Estávamos juntos há apenas 8 anos. Nossos primeiros anos foram de desejos insaciáveis e

pareciam intermináveis e eternos. Me lembro do início quando virávamos noites inteiras trepados um sobre o outro, era comum chegarmos a orgasmos mútuos três, quatro vezes numa única noite. Sara era uma mulher de apenas vinte e poucos anos, linda e apaixonada, faminta na cama; não demorou para nos casarmos. Não tivemos filhos por opção e logo que enriqueci nosso mais agradável passatempo era frequentar restaurantes caros e viajar. Tivemos sim nossos anos dourados e apaixonados. Com o tempo tudo se tornou comum demais, nossa companhia, silenciosa e ausente. Toda a admiração deu lugar a um terrível tédio visual misturado com uma quantidade interminável de defeitos irritantes. Não conseguia mais vê-la como uma mulher atraente, acredito que ela também não me via mais como um homem interessante.



Éramos tão comuns um ao outro quanto uma mesa na sala, um móvel, um vaso com flores secas. Certo dia, numa tentativa desesperada de apimentar nosso casamento, entramos juntos para uma casa de swing. Para quem não conhece são essas casas que acontecem trocas de casais ou diversão em grupo. Tive a sorte tremenda de ficar com Sara e com uma outra bela garota interessada numa sacanagem a três, seu acompanhante, suponho que marido, de idade,

não queria nada em troca, sequer ver sua namorada satisfazer outro homem. Depois de um curto papo no "lounge" onde são servidos os drinks, com luzes vermelhas e música ambiente, seguimos para um corredor escuro, parecia a passagem para o inferno, um labirinto cheio de lugares discretamente preenchidos por vultos nus em movimentos lascivos, gemidos e um aroma de sexo denso e envolvente no ar. Haviam lugares de todos os tamanhos, para casais

mais tímidos, para casais mais atrevidos e para casais exibidos. Eu, Sara e a garota de corpo moreno e cabelos castanhos lisos e longos nos sentamos no lugar dos casais mais tímidos. Ali tinham mais algumas pessoas transando, bem no escurinho, então desci minha calça e a garota desconhecida, levantando o vestido tubinho sentou-se por cima numa gostosa cavalgada, enquanto a Sara me beijava e me oferecia os seios para dentro da minha boca. Sara parecia gostar, estávamos bastante excitados com a brincadeira e àquela altura já não sentíamos mais vergonha dos nossos corpos a mostra. Depois de um tempo com aquela garota montada de costas em cima de mim Sara tomou o lugar e sentou-se também. Nos beijávamos e nos tocávamos os três de forma íntima. Víamos ao mesmo tempo outros casais transando, outros corpos nus gozando.



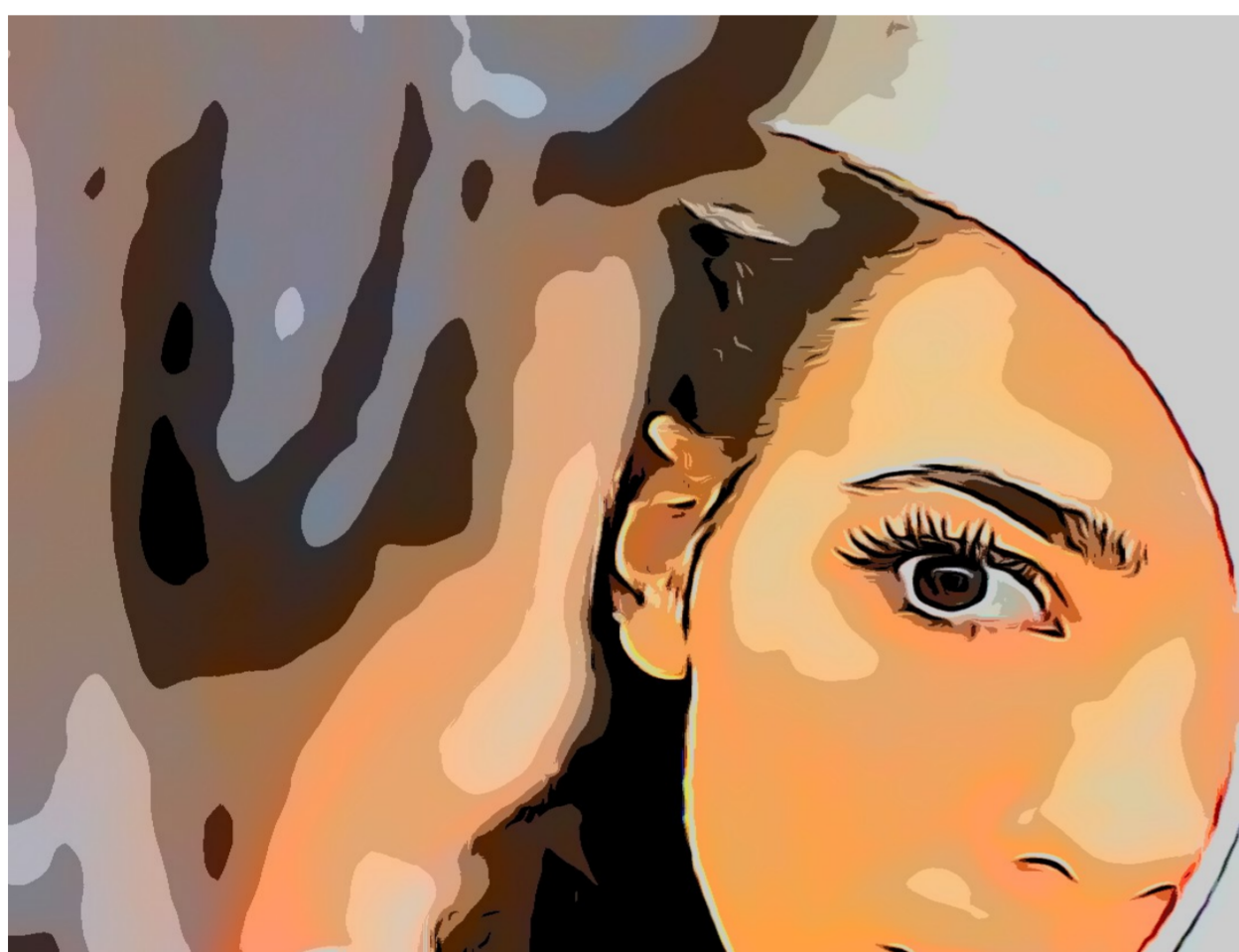
Estávamos em chamas, num excitante inferno, embora aquela tenha sido nossa primeira e última vez naquele lugar, para um casal no seu derradeiro casamento, numa tentativa frustrada de salvá-lo. Um pouco depois eu e Sara topamos com Bartolomeu e Julia, no Guarujá.

O encontro no Guarujá

Foi numa caminhada na orla da praia onde avistei meu amigo Bartolomeu, uma amizade nascida entre um dos meus acordos milionários e nada religiosos. Bartolomeu era o tipo de homem que vivia enrolado com mulheres entre namoros e casamentos relâmpagos, um "bon vivant" de fala fácil e amigável, simpático por natureza. Me lembro que em um dos nossos acordos fui obrigado a subtrair parte dos seus lucros a meu favor, mas dentre tantos outros acordos que havíamos feitos, aquilo parecia inofensivo para nossa parceria e amizade. Fazia um tempo que não nos víamos e ele, para variar, estava de namorada ou esposa nova. Seu nome, Julia.

Uma mulher de seus 30 anos, traços finos, malar felino, cabelos pretos, fios grossos, o que deixava seu penteado naturalmente mais armado, nariz delicado e triangular, olhos grandes e negros, levemente puxados, o conjunto a deixava com uma beleza exótica e egípcia. Seios volumosos, magra, bumbum perfeito e bem encaixado no seu curvo quadril. Formava o conjunto da mais atraente mulher que eu já tinha encontrado fora de revistas. Séria porém, Julia me pareceu bastante tímida, mas amigável, diferente de Bartolomeu. Em poucos minutos de conversa, percebi uma mulher com raízes religiosas, ativa em rodas de igrejas, cheguei a estranhar o perfil bastante contrário ao de Bartolomeu sentir-se atraída por um homem boêmio e nada religioso como o próprio.

Nosso encontro na praia foi efusivo, cheio de risadas, logo marcamos para esticar para um barzinho ali na Enseada. Passaríamos em nossos apartamentos primeiro, para nos trocar, depois, por volta das 19hs sentaríamos para uma cerveja no clima de verão da praia.



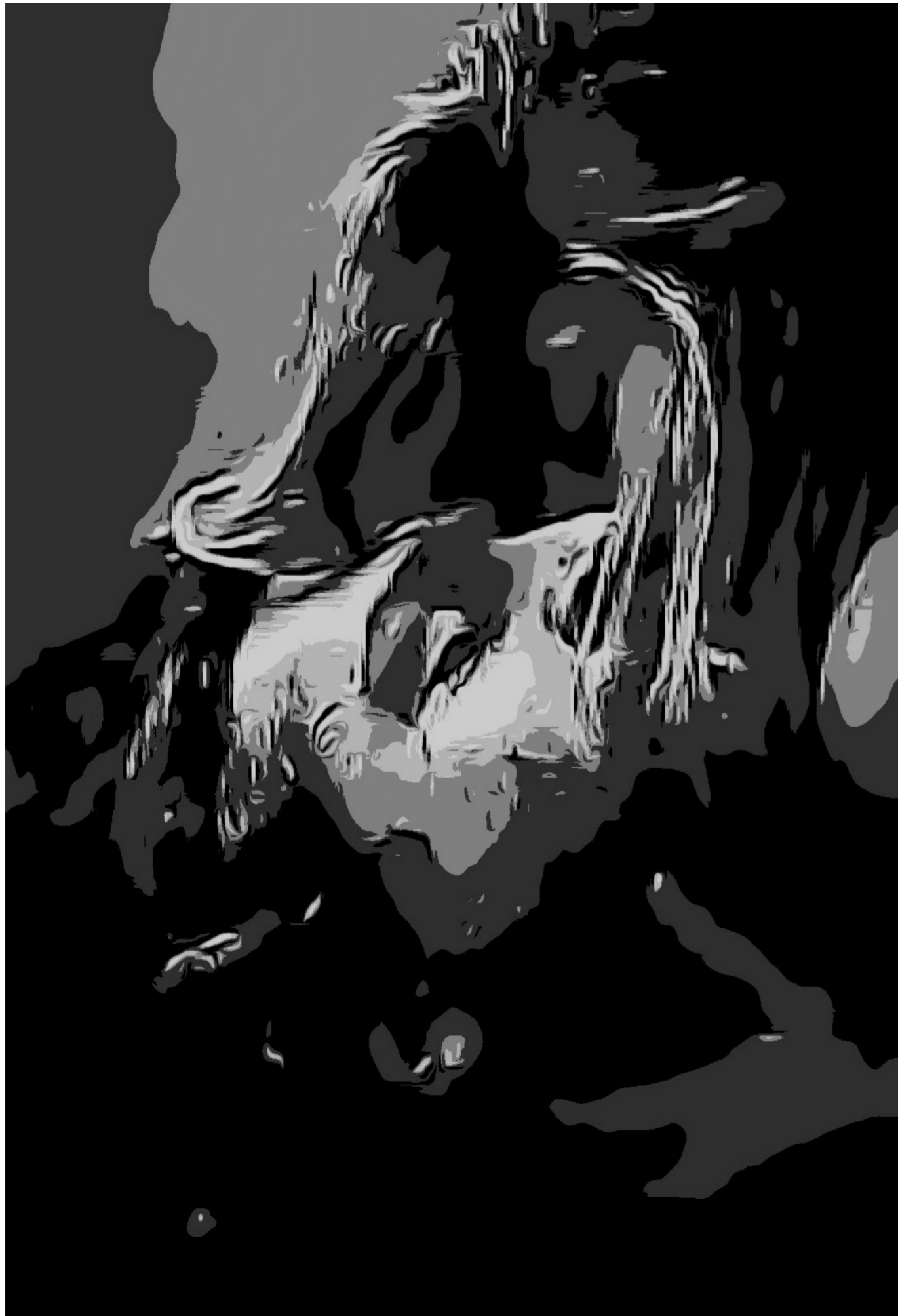
Em nosso apartamento, pedi para que Sara ficasse linda para o encontro, fazia questão de mostrar a bela mulher que tinha, queria mostrar para Bartolomeu o quanto eu estava bem, embora meu casamento fosse um fracasso e financeiramente vivia mais de ostentar glórias do passado do que de prósperos negócios acontecendo no presente.

Na bem da verdade, dívidas ameaçavam meu patrimônio e incomodavam Sara, o que contribuía ainda mais para a derrocada do nosso casamento.



No barzinho, na orla da praia, empilhávamos gargalhadas e garrafas de cerveja vazias. A animação foi tanta, que seguimos para meu apartamento com uma vista extraordinária para o mar. Bebemos uísque do bom até ficarmos os quatro completamente bêbados, a ponto de eu pedir que Bartolomeu e Julia ficassem para dormir na minha casa. Sara parecia animada com a presença de Julia e Bartolomeu, tanto quanto eu não a via há bastante tempo, fazê-los ficar era uma ideia além de segura

segura uma forma de ver Sara divertindo-se como há muito não via. Bem no fundo, a beleza e o sorriso de Julia por outro lado, me envolviam, sua presença me satisfazia. Aquele tipo de satisfação que você sente e se deixa levar. Apenas pensa: é uma pessoa legal, gosto da sua companhia. Talvez estivesse sendo levado por uma atração ainda obscura e desconhecida, dentro de mim.



Dormimos naquela noite, nós quatro, no meu apartamento. Julia e Bartolomeu no quarto de hóspedes. Sara havia bebido demais e quando fui deitar ela estava no banheiro da sala. Mal podia imaginar que Bartolomeu estivesse transando com Sara dentro do banheiro, na minha própria casa.



No entanto, no dia seguinte, algo estava diferente. O olhar de Sara era de um contentamento estranho e secreto. No café ela permaneceu com pouca fala. Mesmo assim comentou satisfeita sobre a noite anterior e sugeriu, de maneira desinteressada, que chamássemos Julia e Pedro para um churrasco na cobertura, naquele mesmo dia.

- Adorei o casal. Seu amigo é um "boa praça". Julia um doce. Um pouco religiosa demais, cita o altíssimo a cada ponto e a cada vírgula. Mas divertidíssima. Chame-os para aproveitarmos o dia juntos na cobertura, ficamos na piscina, fazemos um churrasco.

- Que bom que você gostou.

- Respondi. - ótima ideia.

Gosto muito de Bartolomeu e sua namorada é tão agradável quanto ele.

Era conveniente minha amizade com Bartolomeu, ainda que não nos vissemos há algum tempo permanecíamos nas mesmas posições estratégicas de antes e tinha em vista novos acordos que me beneficiariam economicamente.

Liguei então para Bartolomeu e fiz o convite. Ele consultou Julia na hora e imediatamente toparam.

Contudo, porém, um pouco depois, ao usar o banheiro da sala, algo me deixou bastante intrigado. Algo que parecia uma marca de esperma, numa gota seca no chão. Lembrei da noite anterior quando chamei Sara, no banheiro. Logo depois de chamá-la fui dormir e não dei conta de mais nada. Exclamei comigo mesmo uma suspeita absurda. Mas deixei de lado. Não podia ser, era muita viagem da minha cabeça. Só podia ser uma sujeira qualquer perdida, algo da sola de algum sapato. Sei lá. Bebemos tanto na noite passada, podia ser qualquer coisa.

Ouvi tocar o interfone. Era Bartolomeu e Julia. Sara se arrumava como nunca para a piscina, admirava-se do seu corpo em frente ao espelho, arrumava os seios dentro do biquíni, prendia o cabelo, passava creme e virava-se para checar o bumbum, cantava baixinho consigo mesma. Subiu para a cobertura antes que o casal batesse à porta.

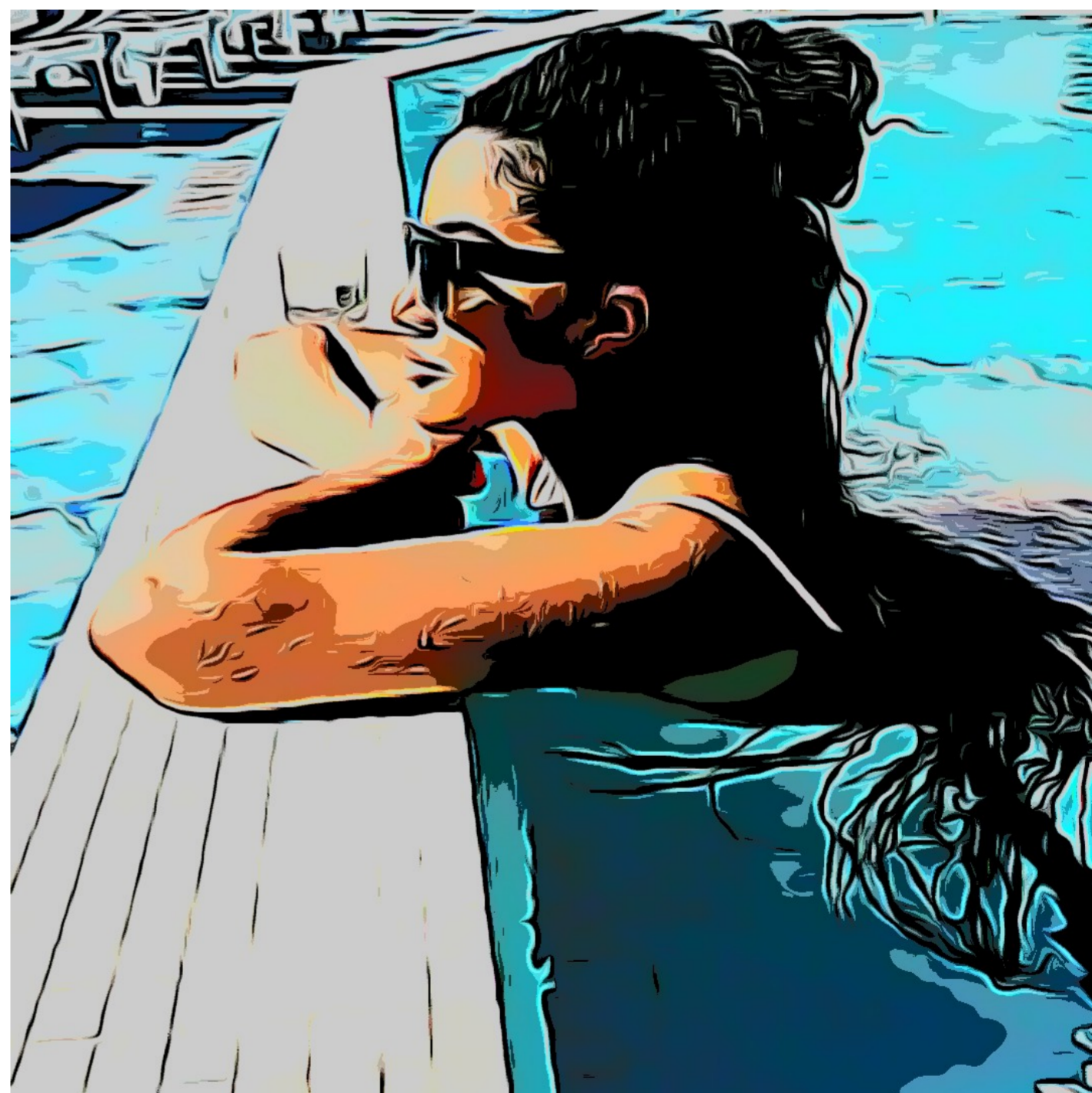
Pouco depois tocaram a campainha. Os recebi com a mesma simpatia da véspera.

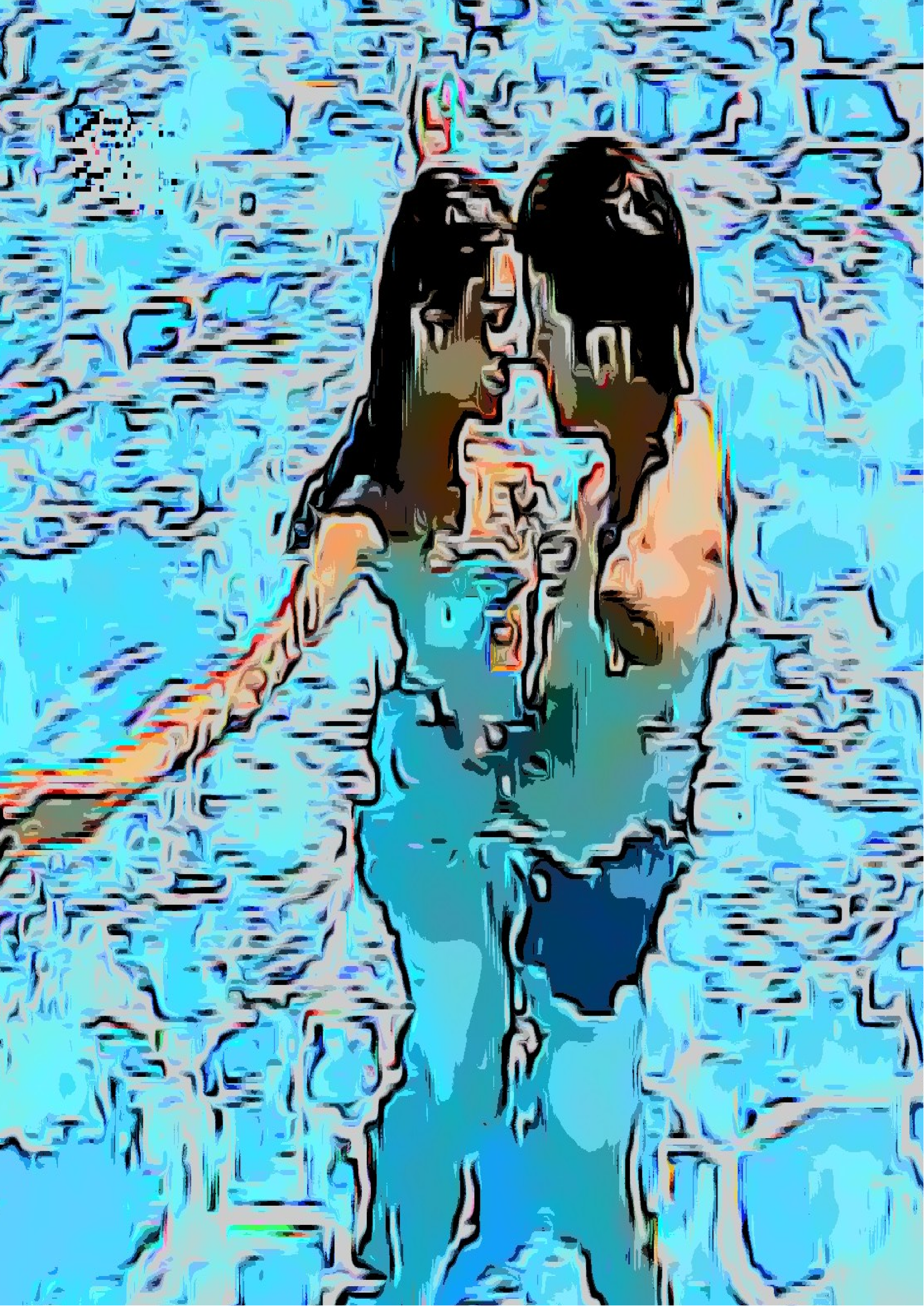
Subimos para a cobertura às gargalhadas lembrando a noite passada. Parecíamos amigos íntimos. Todos muito a vontade, percebi Sara e Bartolomeu aos cochichos na piscina. Enquanto pilotava a grelha, notava também a beleza egípcia de Julia, dessa vez, mais interessado. De biquíni pequeno exibia um corpo escultural. Pela primeira vez, ali, senti uma atração sexual por Julia, notava cada curva. Ela, atenta, percebeu que eu a observava de maneira interessada, e mesmo com seu comportamento mais recatado, correspondeu. Mexia no cabelo, girava na esteira, passava bronzeador. Vez ou outra me olhava se fazendo vista. Certa hora pedi que Sara descesse para buscar a salada e mais

alguns comes que faltavam à mesa. Nesta hora Julia não estava, pedi então que Bartolomeu a acompanhasse. Tinha minhas segundas intenções.

A Transa

Foi nesse momento, a sós com Julia, que arrisquei uma aproximação. Deixei a grelha bem branda apenas para manter as carnes aquecidas. Dei um mergulho e cheguei perto dela, que na água se refrescava também.



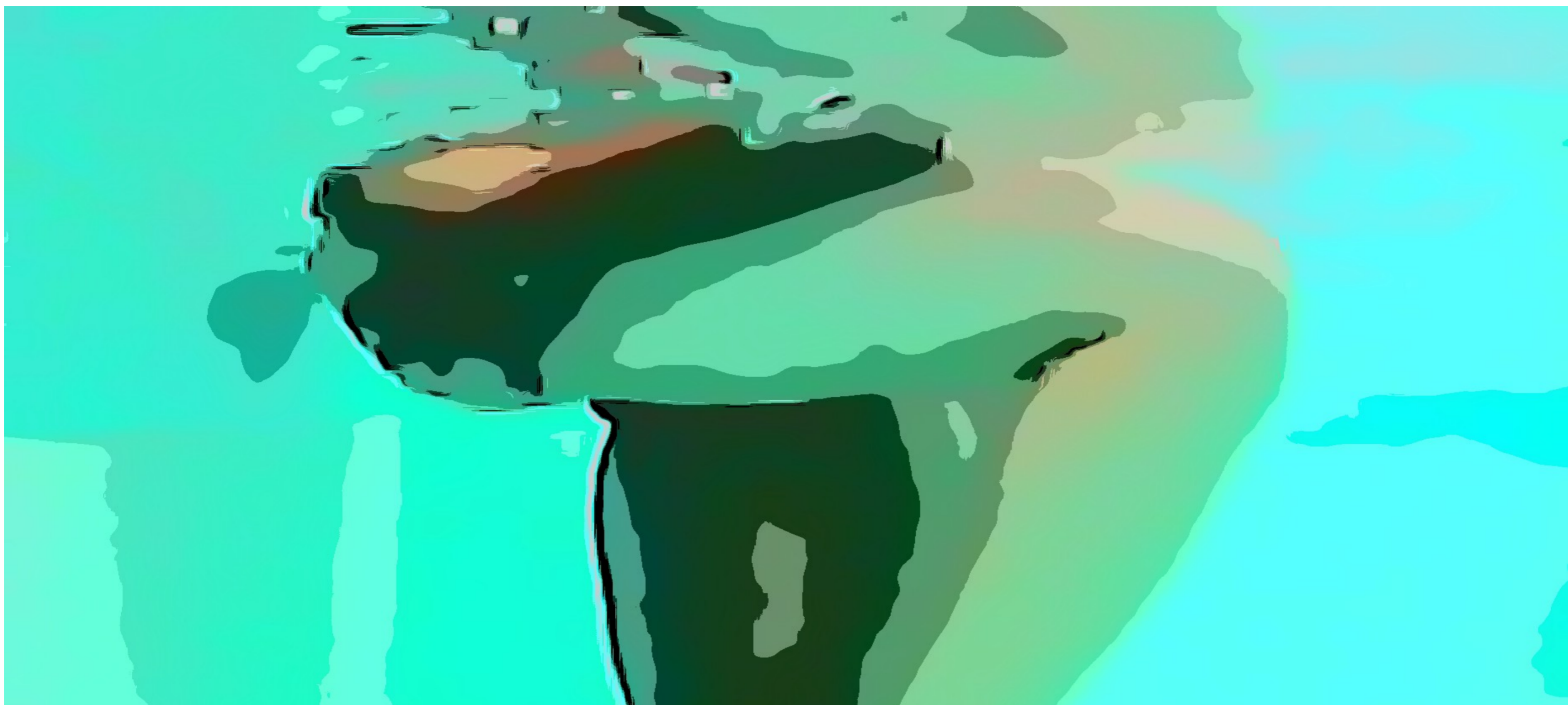


Quando subi à superfície, tirando uma fina de Julia, nos olhamos sem nos desfitarmos com uma certa chama nas pupilas, medimos nossas faces e miramos nossos lábios. Não deu outra, me atrevi num beijo. Nossos lábios se chocaram e nossas línguas se atropelaram, tudo muito rápido como se algo numa intensa possessão dos nossos corpos desgovernados assumisse o comando das nossas bocas e mãos. Meu corpo excitado, junto ao dela, escondia por debaixo do calção um mastro firme, apontado para cima, duro de doer roçando perto da pequenina fendinha de Julia, apenas coberta por um biquini fino. Nossos sexos estavam tão quentes e tão próximos um do outro que era possível senti-los sem se tocarem.

Nossas mãos se acariciavam já sem vergonha alguma.

Senti então uma das mãos de Julia entrar para dentro do meu calção, segurando meu sexo com descontrolada vontade e desejo. Meus dedos, acompanhando seu ritmo, também escorregaram entre suas coxas, rompendo sua carne, para dentro. Eu a tocava, massageava e brincava masturbando-a dentro da água, rápido e com delicadeza voraz. Ela me beijava, me apertava. Mantinha sua mão firme segurando meu pênis. Balbuciava aos gemidos: "Não podemos, isso é pecado!! Vamos para o inferno! Eles estão lá embaixo. Vão já nos pegar aqui!".

Como se suas palavras e seu corpo seguissem comandos contrários, ela ajeitou meu pênis, freneticamente, entre suas coxas, puxando com a ponta firme e tesa seu biquíni de lado, forçando com a própria mão, a entrada para dentro de si mesma.



Sentia uma mistura de água fria com seu sexo escorregadio e viscoso. Minhas duas mãos seguraram suas nadegas e então meti forte para dentro. Me deliciava com seus seios molhados da piscina na minha boca. Ela chupava minha orelha, passava a língua no meu pescoço, gemia baixinho seu temor pelo pecado que cometia enquanto seu corpo desfrutava do meu embaixo d'água. Ao mesmo tempo, dizia: "Mete! Mete! Mete com força!" Meus olhos, sem perder completamente a consciência, fitavam pela beirada da piscina, atentos a qualquer aparição.

Fodíamos como dois selvagens imersos naquela água, com vista para a belíssima orla da Enseada, até nossos corpos não aguentarem mais, gozando juntos. Mal sabia eu, que enquanto eu sacudia dentro de Julia, escondidos dentro da piscina, Sara e meu amigo se comiam aos beijos atrás da porta, na entrada do meu apartamento.

Ah se eu soubesse...

Depois que gozamos, Julia desconcertou-se exclamando: "Eu vou para o inferno! Vou para o inferno!" Porém contrariava-se, me abraçando e me beijando.

Saiu da água num pulo só e disse: "Vou atrás de Sara e Bartolomeu, estão demorando demais. Esqueça o que aconteceu aqui!! Nunca mais irá acontecer novamente. Se Bartolomeu descobre me mata. Está muito errado o que fizemos!!

Contudo, seus olhos não diziam o mesmo, eram doces e insaciáveis.



Julia saiu atônita, enrolada numa toalha, atrás de Bartolomeu e Sara.

Na volta para São Paulo, não conseguia tirar Julia da cabeça, a estrada não parecia dar somente o caminho para casa. Algo havia acontecido, algo que mudaria a vida de nós quatro, a partir daquele encontro no Guarujá...

Vi Julia novamente, mas hoje, paro por aqui. Este novo encontro, eu conto no próximo conto.

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

"A amizade é constante em tudo, menos nos negócios e no amor" Shakespeare

MINHA CURIOSIDADE

DE VER

SUA BOCA,

COBERTA POR UM VÉU,

ERA AINDA MAIS

PERTURBADORA,

DO QUE A DE VÊ-LA

NUA,

O BEIJO

É UM ATO SEXUAL

PERFEITO

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



EXPEDIENTE

Desenvolver esse projeto foi um desafio na minha carreira como autor, não só por se tratar de uma revista em meio a tantas outras do mesmo gênero, mas também e principalmente por ser uma publicação periódica. Quando se trabalha em um livro, não há prazo para a criatividade e inspiração, mas quando se trata de uma revista periódica, o trabalho voltado para a escrita criativa corre com os dias do calendário, acima de tudo, este é o maior desafio para mim autor.

E por que Bartolomeu!? Por que um cachorro!? Bem, nada mais caricato que dar vida à um cachorro metido a escritor com patas frenéticas sobre as teclas de uma máquina de escrever segurando seu charuto, para dar um ar mais descontraído à uma revista de conteúdo adulto. Não é mesmo!? rs... E por que Bartolomeu!? Bem, se pescar algumas letras nesse nome, encontrará outro, mas aí não tem graça contar rs. E outra, esse cachorro tem cara de Bartolomeu não tem!?

Espero que possamos construir juntos uma gostosa relação de autor e leitor, em meio a contos que mexam com a sua imaginação e temperatura comum, numa dimensão bem longe dos dias repletos de rotina.

Obrigado!

Alexandre Golovanevsky



@tescrevoumconto



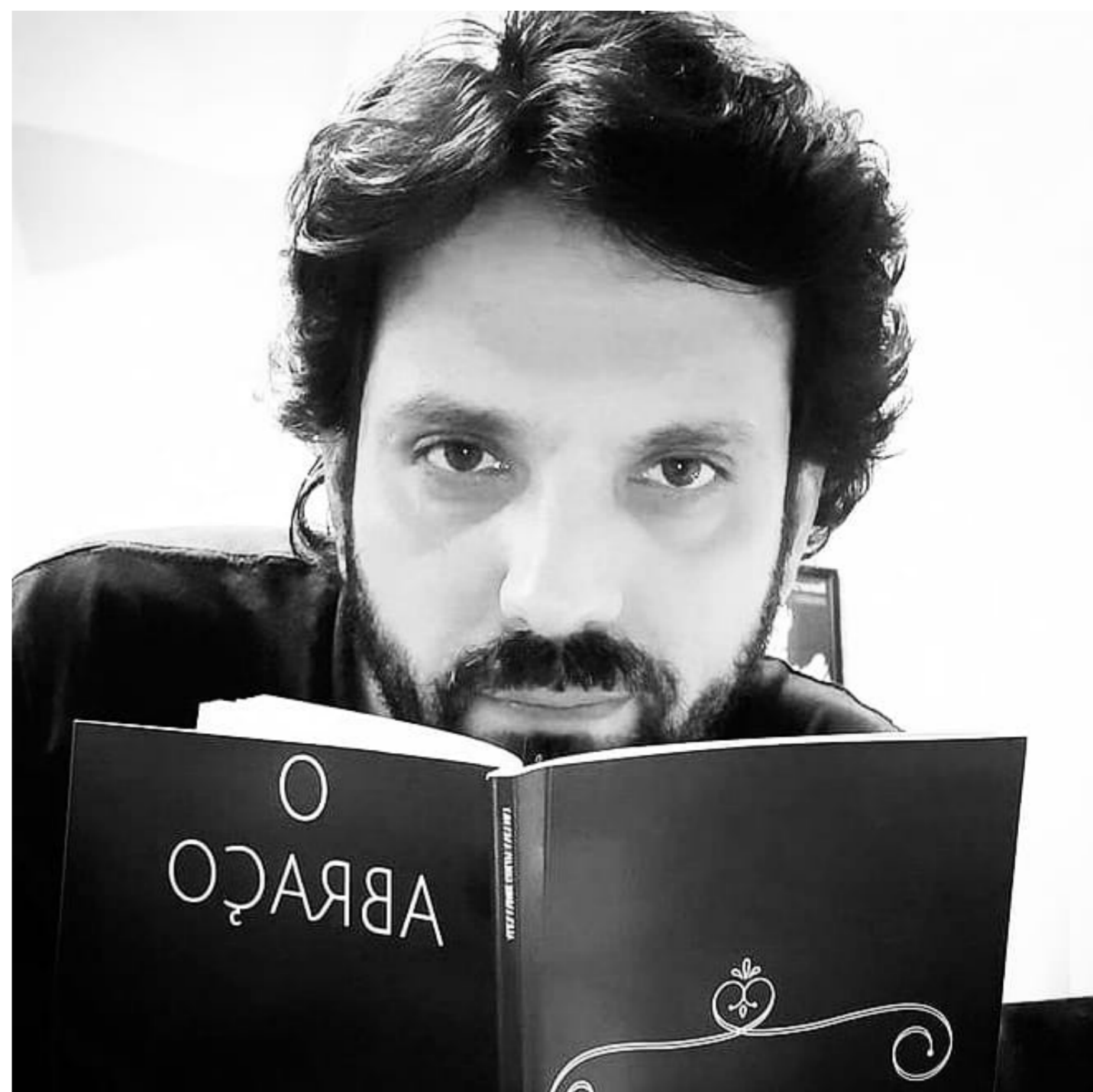
Alexandre Golovanevsky



golovanevsky.a@gmail.com



(11) 9.8585.1114



Publicações do autor:

Saturno de Goya;

Urban Woman;

Algumas Sobre Amor e Erotismo;

O Abraço, edição especial ilustrada;

Participações em coletâneas de poemas sendo uma de Literatura para Escolas Municipais, Brasil - Editora Palavra é Arte - Poesia na Escola
Revista Bartolomeu;

www.revistabartolomeu.com.br

Revista Bartolomeu
Registro INPI n° ®



29409171921540032

Editor-Chefe: Alexandre Golovanevsky

São Paulo - SP

E-mail: golovanevsky.a@gmail.com

Capa e Design: Alexandre Golovanevsky

Ilustrações e Revisão: Ly Hashizumi

Ilustrações de Diagramação: Alexandre Golovanevsky

Publicado pela Flipsnack

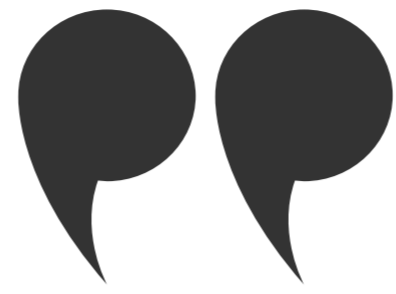
Autoria Textos:

A Vizinha, 2 - Alexandre Golovanevsky

O "Irmão" - Alexandre Golovanevsky

Cilada no Guarujá, Cap. 1, 2° Parte - Alexandre Golovanevsky

Poema - Alexandre Golovanevsky



A ÚNICA

obscenidade

QUE EXISTE

é a

VIOLÊNCIA

Jim Morrison



volume 1 n° 6

JAN 2021